

OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19 NA ECONOMIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Gustavo Jambersi¹
João Victor da Rocha Bastos Teixeira²
Kauê Lopes Figueiral³
Luiz Henrique de Souza Rodrigues⁴
Carlos Ilton Cleto⁵

RESUMO

A pandemia da COVID-19 trouxe uma série de mudanças nas conjunturas de cada país, demandando políticas sanitárias emergenciais para conter seu avanço. Isolamento social e medidas de higiene, como o uso de máscaras, foram implementadas, acarretando diretamente em consequências graves nas suas economias. Na maioria dos casos, ocorreu uma completa pausa nos setores considerados como não-essenciais pelo período de vários meses. O presente trabalho busca analisar os impactos econômicos da pandemia nas economias do Brasil e do México, frente ao enfrentamento deste período pandêmico entre 2019-2022, tendo sido realizadas pesquisas e comparação dos principais indicadores econômicos e suas alterações entre o período anterior a pandemia e durante o acontecido, entre eles: PIB, Taxa de Desemprego, Taxa de Juros, Inflação e o Crescimento Econômico. Com os resultados encontrados é esperado encontrar um panorama geral das economias, o quão grave e profundas foram as consequências do período pandêmico e, por fim, elencar os desafios que os governos enfrentarão frente a previsão indicada pela maioria das economias de um período severo de recessão pós-pandemia.

Palavras-chave: Pandemia. Macroeconomia. Indicadores Econômicos. Brasil. México.

¹ Aluno do 7^a período do curso de Administração da FAE Centro Universitário. *E-mail:* gustavo.jambersi@mail.fae.edu

² Aluno do 7^a período do curso de Ciências Econômicas da FAE Centro Universitário. *E-mail:* joao.victor.teixeira@mail.fae.edu

³ Aluno do 7^a período do curso de Ciências Econômicas da FAE Centro Universitário. *E-mail:* kaue.nogueira@mail.fae.edu

⁴ Aluno do 7^a período do curso de Ciências Econômicas da FAE Centro Universitário. *E-mail:* luiz.henrique.rodrigues@mail.fae.edu

⁵ Professor orientador. Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em Economia pela UFPR. Atualmente é professor no curso de Economia da FAE Centro Universitário. *E-mail:* carlos.cleto@fae.edu

INTRODUÇÃO

Ao longo da emergência sanitária global do COVID-19, as nações se viram diante de desafios sem precedentes, obrigando-as a adotar medidas extraordinárias para proteger a saúde pública. Contudo, o impacto dessas medidas na economia mundial foi significativo. Os governos tiveram que equilibrar as restrições de movimento e as paralisações de atividades comerciais com o desejo de revitalizar suas economias, o que gerou tensões políticas, com debates acalorados, e estresse nas interações humanas.

A pandemia trouxe um cenário ímpar, com aceleradas mudanças políticas e econômicas nas conjunturas dos países, tendo isso em vista, esta pesquisa traz a análise de como essas mudanças impactaram os países Brasil e México. Com foco nos aspectos econômicos, no comportamento e reações para o combate e no equilíbrio entre a saúde pública e a atividade econômica, comparou-se o desempenho dos países selecionados, através da análise de seus principais indicadores e políticas adotadas.

Este trabalho tem como objetivo geral verificar se os impactos da pandemia de COVID-19 foram comparativamente maiores na economia brasileira, em detrimento aos impactos ocorridos na economia mexicana durante o período de 2019-2022. Para tanto, elencamos como essenciais os objetivos específicos de: descrever os impactos da COVID-19 na economia mundial; verificar a condução da política econômica utilizada no período para o Brasil e o México; analisar os indicadores e comparar os resultados de ambos os países selecionados.

A estratégia tomada para a pesquisa foi a coleta e a consolidação de dados relativos aos índices econômicos e sociais dos países e também sobre as medidas políticas utilizadas no enfrentamento da pandemia, sendo consultadas entidades nacionais e internacionais com grande reconhecimento e confiabilidade, sendo elas: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Estatística e Geografia (INEGI), Banco Central do Brasil (BCB), Banco Central do México (BANXICO), Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Com essas informações, foi possível montar um diagnóstico dos comportamentos apresentados por diferentes indicadores econômicos nas economias selecionadas. Para esta produção, foram escolhidos os indicadores do Produto Interno Bruto (PIB), Taxa de Desemprego, Taxa de Juros, Crescimento Econômico e Taxa de Inflação.

Essa discussão se torna relevante especialmente para entender a situação em meio a uma anomalia econômica, sanitária e social nos países e no mundo, assim como, os desafios que os governos terão de enfrentar como consequência das decisões tomadas no cenário pandêmico, focado no comportamento da economia dos países,

nos resultados obtidos com suas diferentes políticas econômicas e nos sacrifícios consequentes.

Este artigo oferece uma análise aprofundada do cenário após o ocorrido, destacando as estratégias e políticas implementadas pelos países selecionados e suas implicações nas perspectivas de recuperação econômica, podendo ser usado futuramente como uma peça-chave para o entendimento de todo este cenário vivido frente a uma anomalia sanitária e as decisões político-econômicas consequentes, uma vez que, desde maio de 2023, o estado de emergência mundial por conta da pandemia foi considerado encerrado, restando então o desafio da retomada econômica, frente ao cenário que aponta a recessão na grande maioria das economias mundiais.

1 REVISÃO DA LITERATURA

O mundo chegou a mais de 720 milhões de casos registrados de COVID-19 após um pouco mais de 2 anos do primeiro caso da chamada, na época, misteriosa pneumonia, em 17 de novembro de 2019, conforme dados do *World Health Organization* (WHO). Este cenário de anomalia sanitária é recorrente na história da humanidade, tendo em vista outras crises sanitárias como a da Peste Bubônica (1347-1353), da Tuberculose (1850-1950), da Gripe Espanhola (1918-1919), do vírus H1N1 (2009-2010) e do HIV (surgido em 1981, até os dias de hoje), e o que todas têm em comum é que trouxeram com elas mudanças conjunturais econômicas e sociais (PALMA; PUGLIESI, 2020).

À medida que a contagem de casos de COVID-19 continuava a aumentar, os países se viram pressionados a tomar medidas drásticas para conter a propagação do vírus. O distanciamento social, o fechamento de fronteiras e restrições à mobilidade eram as estratégias mais comuns adotadas. Essas medidas, embora essenciais para proteger a saúde pública, causaram desafios econômicos significativos. Muitos setores, como o turismo, a hospitalidade e o entretenimento, foram particularmente atingidos. Empresas enfrentaram dificuldades para manter suas operações e muitos trabalhadores perderam seus empregos, resultando em altos índices de desemprego em todo o mundo.

Neste contexto, problemas crônicos de ambos os países transpareceram, considerando o fato de serem economias emergentes em processo de desenvolvimento, logo, expostas a uma maior fragilidade econômica e estrutural. Em consequência disto, sofreram impactos mais fortes e duradouros em períodos de crises exógenas com a paralisação econômica e a dificuldade na manutenção dos compromissos financeiros, envolvendo os países em uma dicotomia entre os mundos econômico e financeiro. Como resultado, o Estado não consegue atingir de forma efetiva todos os agentes

econômicos para preservá-los e minimizar os impactos que sofrem com as novas conjunturas formadas na sociedade devido à pandemia (SILBER, 2020).

O impacto econômico da pandemia levou os governos a adotar medidas de estímulo sem precedentes. Pacotes de auxílio financeiro, como o auxílio emergencial no Brasil, foram implementados para apoiar famílias e empresas. No entanto, essas ações não vieram sem custos e a questão da sustentabilidade fiscal surgiu como um desafio adicional. Os níveis de dívida pública aumentaram substancialmente, levando a debates sobre como equilibrar as necessidades imediatas de socorro com a estabilidade fiscal a longo prazo. Além disso, a desigualdade econômica se agravou, com os impactos da pandemia afetando de maneira desproporcional os mais vulneráveis. Como as economias globais enfrentam esses desafios, é fundamental examinar as estratégias adotadas, seus impactos e as lições aprendidas para guiar futuras ações em tempos de crise.

No contexto da “maior crise sanitária da nossa época”, como chamou a Organização Mundial de Saúde (OMS), a economia mundial sofreu diversas contrações durante a batalha para desacelerar a velocidade de transmissão do vírus.

Em abril de 2020, a OMS declarou que a América do Sul era o novo epicentro da COVID-19 e, em maio do mesmo ano, publicou a atualização do informe *Operational Planning Guidelines to Support Country Preparedness and Response* (WHO, 2020), a fim de oferecer um guia prático para dar suporte às autoridades nacionais a responderem à Covid-19. Entre as ações que deveriam ser tomadas e que abrangem o nível regional e global, considerando os pilares de atuação sugeridos pela OMS, se tem o isolamento social voluntário, que possui uma correlação inversa com o aquecimento da economia.

Diante do cenário de incertezas, o Fundo Monetário Internacional anunciou um crescimento mundial negativo de -3,5% em 2020 e, para o caso brasileiro, de -4,5%. Já a relação dívida/PIB cresceu quase 10 p.p.(pontos percentuais) em 2020, chegando a 96,1% (IMF, 2022), estressando os conflitos a respeito de como “pagar a conta” que já marcavam a conjuntura posterior à crise financeira global de 2008 e anterior à pandemia, com credores demandando cortes de gastos e grupos de cidadãos exigindo elevação de impostos para faixas de contribuintes de maior renda.

Se tratando do quesito emprego, a Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2021) estimou a perda de 114 milhões de empregos, além de uma diminuição equivalente a US \$3.7 trilhões em renda do trabalho, 4,4% do PIB mundial de 2019. No Brasil, assim como em outros países, o isolamento social promoveu rápidas mudanças no mercado de trabalho, com impactos mais severos para 37,3 milhões de pessoas que vivem na informalidade, já que elas não têm direitos como Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e seguro-desemprego. Para a Organização Internacional

do Trabalho, as primeiras demissões ocorreram entre aqueles que vivem do trabalho instável, como terceirizados, balconistas, garçons, funcionários de cozinha, diaristas, manipuladores de bagagem e produtos de limpeza.

As economias sul-americanas começaram a reagir por volta do terceiro trimestre de 2020, logo após medidas econômicas, como o auxílio emergencial no Brasil, uma transferência direta de renda para a população ou benefícios para pequenas empresas, que foi visto por grande parte da América Latina como estratégia a ser implementada para remediar as consequências do distanciamento social. Porém, a perspectiva global é um encolhimento geral da economia mundial. (WORLD BANK, 2022).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trazendo uma abordagem descritiva para o assunto e visando analisar os impactos da pandemia do vírus COVID-19, foram colhidos dados encontrados em documentos e fontes oficiais de informação dos órgãos governamentais das duas nações, bem como órgãos internacionais de grande reconhecimento e referências em reportagens. Foram definidos os principais indicadores econômicos com os quais a equipe de pesquisadores trabalhou para retratar um panorama sócio-econômico dos países, para assim, realizar uma comparação dos indicadores, tendo em vista as possíveis diferenças ou semelhanças das abordagens nas aplicações de políticas públicas para conter o desemprego e a inflação, sendo os indicadores selecionados: o índice de inflação (IPCA para o Brasil e INPC para o México), o PIB, taxa de desemprego, crescimento econômico, taxa de juros e gastos fiscais. Com os indicadores usados para análise, pode ser entendido qual foi o impacto econômico e social nos países escolhidos durante este período, conseguindo assim verificar o grau e intensidade dos efeitos para o Brasil comparando com os mesmos ocorridos no México.

O Brasil e o México, dois países da América Latina, compartilham diversas semelhanças econômicas. Ambos possuem populações significativas, vasta diversidade geográfica, e são considerados economias emergentes, desempenhando um papel importante na economia global. Além disso, enfrentam desafios socioeconômicos, como desigualdade de renda e informalidade no mercado de trabalho, que servem como pontos de comparação úteis para analisar políticas e estratégias de enfrentamento. Ambos os países também mantêm extensas relações comerciais internacionais e têm setores de serviços bem desenvolvidos, o que os torna suscetíveis às flutuações do mercado global. Essas semelhanças fundamentais proporcionam um terreno fértil para uma análise econômica comparativa.

Pela semelhança econômica entre os países e por ambos serem as maiores economias da América Latina e representarem boa parte do PIB da América Latina, cerca de 54%, segundo o site Agência de Notícias da Indústria (2020), consideramos que todas essas semelhanças trazem um conforto para realizarmos o estudo, com suas específicas análises e comparações a respeito do período selecionado (2019-2022).

Para compilar todas essas informações dentro da pesquisa, foram consultados dados junto ao Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Estatística e Geografia (INEGI), Banco Central do Brasil (BCB), Banco Central do México (BANXICO), Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), os quais demonstraram no detalhe técnico como se comportaram os indicadores essenciais aqui estudados e os setores por eles afetados. Com estas informações, transportamos para um modelo gráfico e tabelado consolidando-os. Com todas as informações em mãos e a metodologia aqui usada, descrevemos e fizemos uma análise atemporal a respeito de um fator exógeno na economia e na sociedade, deixando um material que possa ser usado para consultas futuras e reflexões do acontecido.

Esse estudo abrange e possibilita uma compreensão mais profunda das nuances econômicas e sociais frente a uma anomalia. A análise fornecerá *insights* sobre o contexto cultural e político que influenciou as decisões tomadas durante o período em questão. A combinação dos dados coletados consolidados em uma análise quantitativa busca fornecer uma visão completa e diversificada dos impactos da pandemia nas economias do Brasil e do México, contribuindo para uma compreensão aprofundada desse desafio global e suas implicações a longo prazo.

3 DESENVOLVIMENTO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao examinar minuciosamente os indicadores econômicos mais relevantes dos países selecionados, é possível elaborar uma representação abrangente da situação atual vivenciada por essas nações, bem como identificar os impactos econômicos e sociais decorrentes do período de pandemia.

Esse estudo permite uma compreensão mais aprofundada das realidades individuais desses países, destacando como a crise sanitária global afetou suas economias e comunidades, contribuindo assim para uma análise mais completa e informada da conjuntura no período.

3.1 EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES

Evidenciando de forma mais aprofundada as semelhanças entre os países, ambos são importantes exportadores de bens, por consequência também altamente dependentes dessas transações para sua economia. Todavia fica um pouco mais evidente a diferença entre os produtos principais de cada país, conforme mostrado no gráfico 1 a seguir. Retratado especialmente por uma queda significativamente mais severa das exportações do México no começo de 2020.

GRÁFICO 1 — Exportações Brasil e México



FONTE: MDIC (2023); Banxico (2023a)

No caso do Brasil, o país é um importante exportador de produtos agrícolas, como soja, carne bovina, frango e milho. Durante a pandemia, as exportações de produtos agrícolas continuaram a ser um setor robusto e essencial, impulsionadas pela crescente demanda global por alimentos. Além disso, o Brasil é rico em minerais, incluindo minério de ferro, alumínio e petróleo. As exportações de minerais, no entanto, tiveram altos e baixos devido às flutuações nos preços das commodities no mercado internacional.

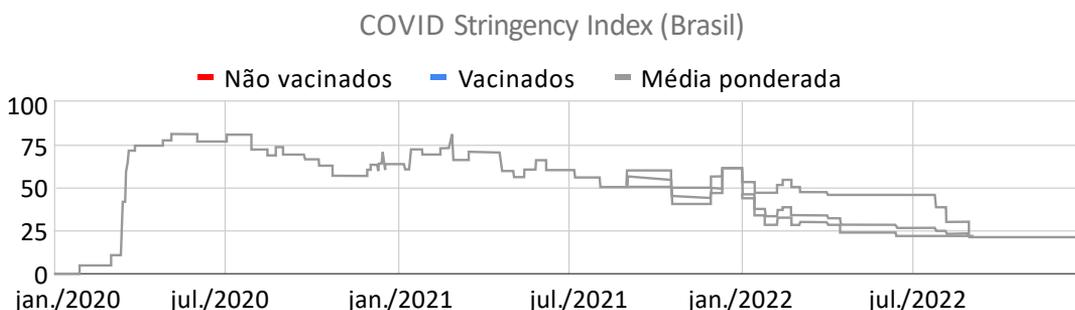
No caso do México, as exportações de produtos manufaturados desempenham um papel significativo na economia, incluindo automóveis, eletrônicos e dispositivos médicos. Durante a pandemia, o México enfrentou desafios devido a interrupções na cadeia de suprimentos global, o que afetou a produção e as exportações desses produtos. Além disso, o México é um importante produtor de petróleo, e as exportações

de petróleo bruto foram afetadas pela queda nos preços do petróleo e pela redução da demanda global por energia durante a pandemia. No entanto, as exportações agrícolas do México, que incluem produtos como abacates, tomates e cerveja, conseguiram manter um desempenho relativamente estável, apesar dos desafios logísticos.

3.2 ÍNDICE DE RESTRIÇÃO

De maneira a contextualizar objetivamente a realidade do período abordado neste estudo, é exposto o projeto *Oxford Coronavirus Government Response Tracker* (OxCGRT), que desenvolveu e calculou o *Stringency Index*⁶ (SI), composto por 9 métricas: (1) Fechamento de escolas; (2) Fechamento de locais de trabalho; (3) Cancelamento de eventos públicos; (4) Restrições a encontros públicos; (5) Fechamento de transporte público; (6) Requisitos de manter-se em residência; (7) Campanhas de informações públicas; (8) Restrições a migrações internas; e (9) Controles de viagens internacionais. Este índice de restrição expressa um número de 0 a 100, sendo 0 o menor e 100 o maior grau de restrição possível. Como exposto nos gráficos 2 e 3 a seguir, percebe-se que os dois países analisados adotaram um alto nível de restrição a partir de março de 2020 – mês em que ambos registraram as primeiras mortes por COVID-19 (WHO Dashboard)⁷ (OMS, 2020).

GRÁFICO 2 — Índice de Restrição (México)

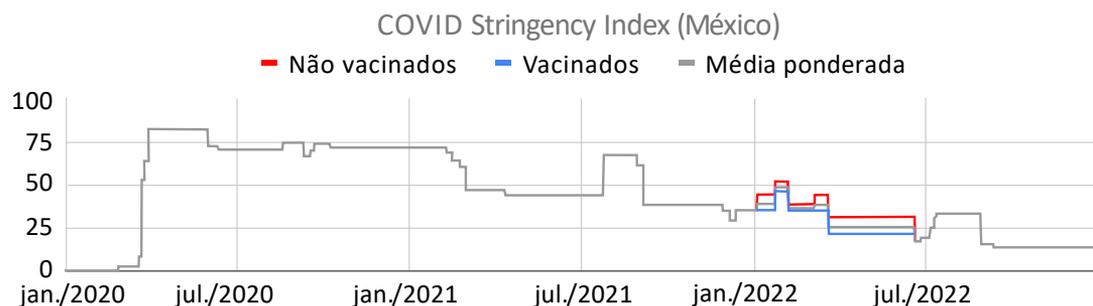


FONTE: Hale et al. (2021)

⁶ *Stringency Index* (SI) - Índice de Restrição desenvolvido pela *Oxford Coronavirus Government Response*

⁷ *World Health Organization (WHO) - Dashboard* - Painel de acompanhamento e monitoramento de informações referentes a COVID-19 desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde

GRÁFICO 3 — Índice de Restrição (Brasil)



FONTES: Hale et al. (2021)

Nota-se que o governo brasileiro iniciou ainda em janeiro de 2020 pequenas restrições, com uma acelerada alta no mês de março de 2020 (apontando 74,54 no SI) e elevando novamente em abril (77,31) e maio, chegando no patamar de 81,02 no SI. Enquanto que o governo mexicano decretou o nível mais alto de restrições, 82,41, logo que começaram as mortes confirmadas, caindo para um SI menor que 75 ainda no primeiro semestre de 2020, mas mantendo a restrição praticamente constante até fevereiro de 2021.

No Brasil, flexibilizou-se as restrições no segundo semestre de 2020, mas voltou a patamares próximos de 75 ainda em janeiro de 2021, atenuando as restrições em abril de 2021. Em setembro de 2021, o SI apresenta níveis diferentes para vacinados e não vacinados. O ano de 2022 se inicia com o SI brasileiro caindo para os vacinados, chegando em 22,22 em junho de 2022, enquanto que as restrições se mantiveram em maior grau para os não vacinados (SI em 46,03) até o final de agosto de 2022, terminando o ano com o SI em 22,22 para ambas as populações.

No caso mexicano, em fevereiro de 2021 as restrições ficaram mais brandas, com o SI atingindo 47,22 logo nos primeiros meses de março de 2021. O governo mexicano subiu novamente as restrições em julho de 2021 para, no começo de setembro de 2021, cortar as restrições. Nota-se que níveis diferentes de restrição para vacinados e não vacinados foram impostos no México no começo de 2022, com o índice terminando o ano em 13,89, novamente sem diferenciar vacinados e não vacinados.

O índice de restrição (SI) foi orquestrado com os dados das diferentes regiões de cada país, sendo apresentado como um resultado geral sobre as restrições impostas às centenas de milhões de habitantes do Brasil e do México. Deste modo, regiões ou cidades específicas, em análise isolada, podem apresentar uma realidade diferente dos índices que contemplam cada um dos 2 países como um todo, visto a diferença na intensidade e nas decisões aplicadas pelas autoridades distribuídas nas distintas regiões de ambas as nações.

3.3 PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

Com este panorama dos níveis de restrição que os governos mexicano e brasileiro adotaram na pandemia do COVID-19, se mostra um momento ímpar na história de ambos os países. A mudança na interação social, evidenciada através do SI, acompanhou grandes impactos econômicos. O Produto Interno Bruto (PIB) é um dos principais indicadores econômicos para medir a atividade econômica de um País, através da oferta e demanda de bens e serviços, com isso podemos analisar se um país está com políticas econômicas expansionistas ou contracionistas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023a), o cálculo do PIB é realizado através de dados estatísticos produzidos pelo próprio IBGE e parte dos dados de fontes externas, como o Banco Central, Governo, entre outros. Temos alguns exemplos de dados fornecidos que entram no cálculo do PIB, são eles:

- Balanço de Pagamentos (Banco Central)
- Declaração de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica - DIPJ (Secretaria da Receita Federal)
- Índice de Preços ao Produtor Amplo - IPA (FGV)
- Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA (IBGE)
- Produção Agrícola Municipal - PAM - (IBGE)
- Pesquisa Anual de Comércio - PAC (IBGE)
- Pesquisa Anual de Serviços - PAS (IBGE)
- Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF (IBGE)
- Pesquisa Industrial Anual - Empresa - PIA-Empresa (IBGE)
- Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física - PIM-PF (IBGE)
- Pesquisa Mensal de Comércio - PMC (IBGE)
- Pesquisa Mensal de Serviços - PMS (IBGE)

Tendo isso em vista, podemos analisar dados e pontos de como o PIB brasileiro se comportou durante a pandemia com as medidas que foram adotadas. Segundo a carta de conjuntura número 50 - Nota da Conjuntura 17 - 1º Trimestre de 2021 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (CARVALHO; SOUZA JR., 2021), o ano de 2020 foi marcado por grandes desafios no Brasil e no mundo de modo geral, enfrentando sérias consequências econômicas durante grande parte do ano. Olhando para um contexto econômico pré-pandemia, o Brasil já passava por dificuldades econômicas, incluindo um crescimento econômico moderado e um alto desemprego. A pandemia de Covid-19 exacerbou esses problemas, levando ao fechamento de empresas e à queda na demanda por produtos e serviços.

De acordo com o IBGE (2023d), o PIB brasileiro contraiu-se em 9,7% no segundo trimestre de 2020, a maior queda já registrada. No entanto, durante o quarto trimestre, o PIB registrou um crescimento de 3,2%, indicando uma recuperação econômica notável. Essa recuperação pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a flexibilização das medidas de isolamento social e o aumento da demanda doméstica.

Antes dessa recuperação no quarto trimestre, percebemos que todos os setores da economia sofreram com a pandemia, mesmo muitos deles não tendo correlação alguma, porém pelo Brasil ser uma grande fonte exportadora de indústria extrativa e ter tomado medidas sociais importantes, como o auxílio “Renda Brasil”, a recuperação acabou sendo mais rápida do que se era esperada.

Frente a situação pandêmica e a “parada” da economia, o México manteve seus mesmos planos e direções, conforme orientações do presidente na época, Andrés Manuel López Obrador. Ele foi eleito com promessas de sanear as contas públicas e os gastos do governo com objetivo de reduzir o déficit público. E, mesmo com esta mudança de cenário econômico, manteve a mesma postura em um primeiro momento, não trazendo medidas paliativas para auxiliar a atividade econômica. Ficando evidente nos dados da Tabela 1 a seguir, onde o segundo trimestre de 2020, período de maior expansão da pandemia e medidas sanitárias emergenciais, teve um resultado extremamente negativo onde o PIB alcançou a assustadora marca próxima de -19%.

TABELA 1 — Variação Percentual PIB (México)

Descrição	2019 T1	2019 T2	2019 T3	2019 T4	2020 T1	2020 T2	2020 T3	2020 T4	2021 T1	2021 T2	2021 T3	2021 T4	2022 T1	2022 T2	2022 T3	2022 T4
Variação percentual anual: PIB	1,23%	-1,10%	-0,19%	-0,68%	-0,94%	-18,61%	-8,34%	-4,07%	-3,52%	19,55%	4,30%	1,02%	1,88%	2,42%	4,37%	3,57%

FONTE: INEGI (2023b)

No Brasil o comportamento não foi diferente, em 2020, a economia contraiu fortemente devido às medidas de lockdown, restrições de mobilidade e queda na demanda interna e externa, evidenciado na tabela 2 e gráfico 4 abaixo. Alguns setores considerados não essenciais foram principalmente afetados, como turismo, hotelaria e entretenimento.

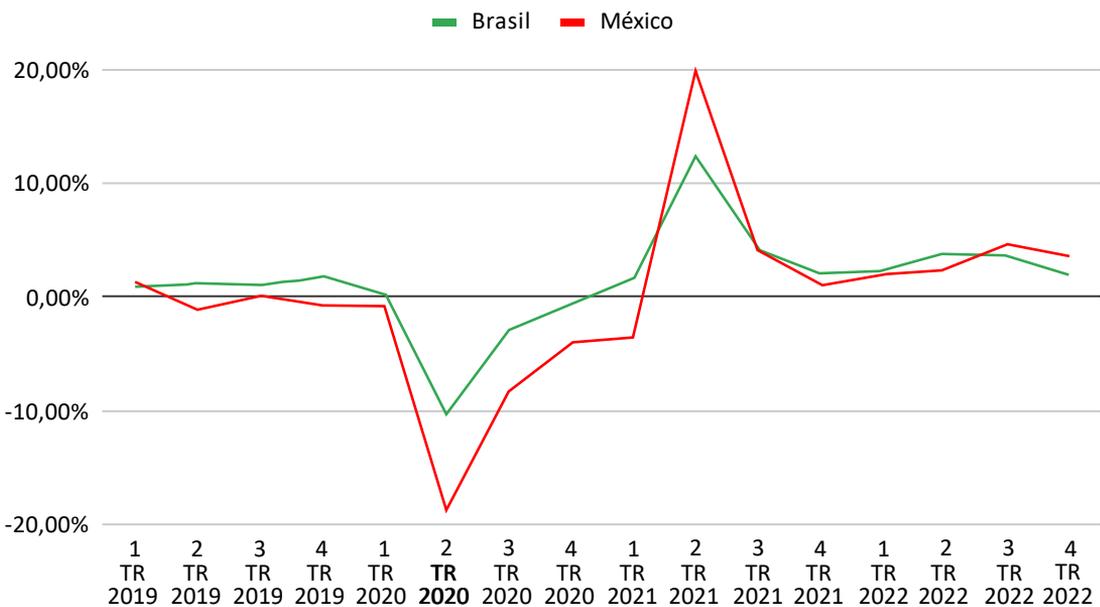
TABELA 2 — Variação Percentual PIB (Brasil)

Variação Percentual PIB	Período
0,9	2019.I
1,2	2019.II
1,1	2019.III
1,7	2019.IV
0,4	2020.I
-10,1	2020.II
-3	2020.III
-0,4	2020.IV
1,7	2021.I
12,4	2021.II
4,4	2021.III
2,1	2021.IV
2,4	2022.I
3,7	2022.II
3,6	2022.III
1,9	2022.IV

FONTE: IBGE (2023d)

GRÁFICO 4 — PIB Variação Percentual Brasil e México

PIB - Brasil e México



FONTE: IBGE (2023d); INEGI (2023b)

Em contrapartida, o governo brasileiro implementou mais medidas de apoio nesse período para combater os efeitos econômicos da pandemia, incluindo políticas econômicas como o pagamento do auxílio emergencial (aumento dos gastos, com transferência de renda direta) e programas de crédito para empresas.

Em 2021, já vemos uma retomada forte da economia brasileira, ligado diretamente com o afrouxamento das restrições sanitárias, e a evolução forte dos principais setores (indústria, serviços e agronegócio).

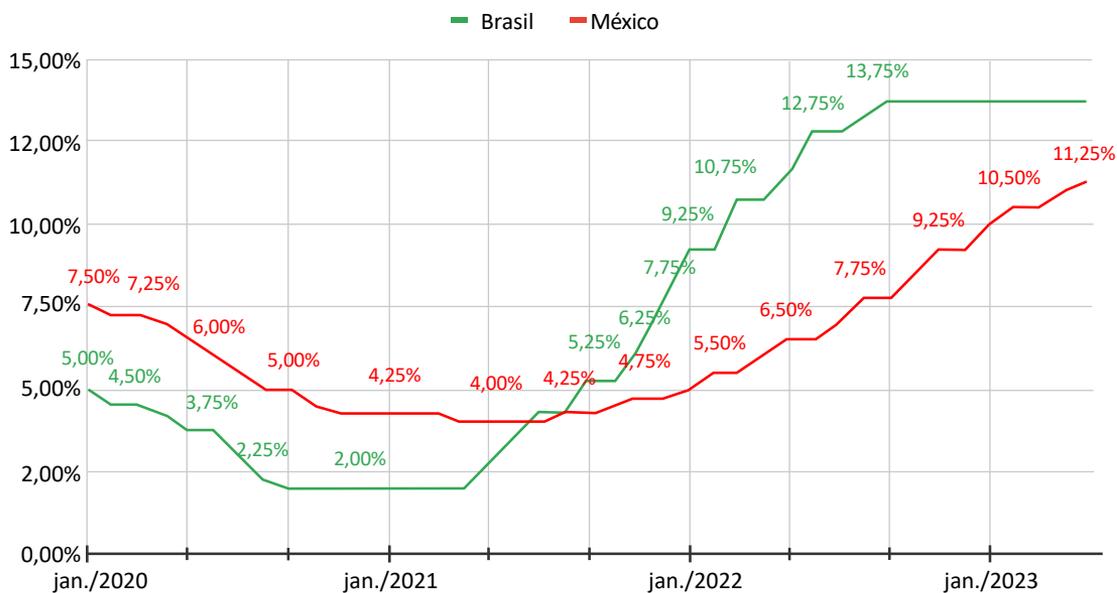
3.4 TAXA DE JUROS

Dando atenção, agora para as políticas econômicas diretamente ligadas a parte da taxa de juros, no México durante o início da pandemia, o Banco do México (BANXICO) reduziu as taxas de juros para estimular o crescimento econômico e fornecer liquidez ao sistema financeiro.

A taxa de juros overnight caiu de cerca de 7% no início de 2020 para cerca de 4% até o final do ano. Na maior parte de 2021, o BANXICO manteve uma política de taxas de juros baixas para apoiar a recuperação econômica, mas começou a sinalizar a possibilidade de aumentos no final do mesmo ano, devido ao aumento da inflação.

No final de 2022, próximo ao começo de 2023, o BANXICO aumentou o aperto na política monetária efetivamente aumentando as taxas de juros para um patamar de mais de 10% para controlar a inflação e estabilizar a economia, conforme evidenciado no gráfico 5 a seguir.

GRÁFICO 5 — Taxa de Juros Brasil e México



FONTE: Bacen (2023); Banxico (2023a)

No Brasil, o Banco Central do Brasil (BCB) também reduziu as taxas de juros no início da pandemia, com o objetivo de estimular a economia e fornecer liquidez. A taxa SELIC caiu de cerca de 4,5% no início de 2020 para 2% até agosto daquele ano. Em 2021, o BCB iniciou um ciclo de aperto monetário, aumentando as taxas de juros gradualmente para controlar a inflação. Em 2022, a política de aumento das taxas de juros continuou devido às pressões inflacionárias persistentes, elevando a SELIC para cerca de 11,75% em agosto de 2022.

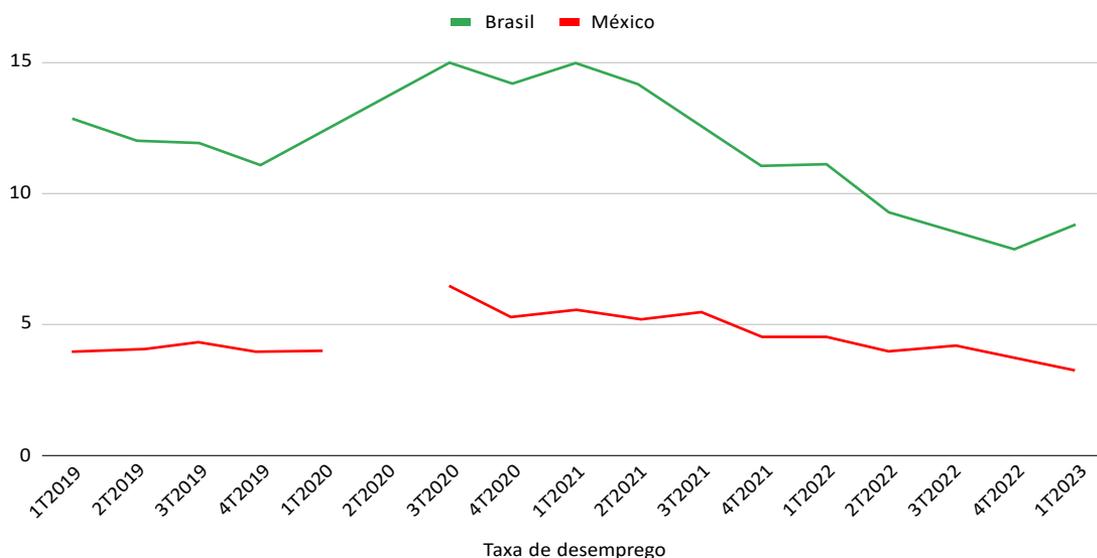
Ambos os países reduziram as taxas de juros no início da pandemia, mas a trajetória das taxas divergiu a partir de 2021. O México começou a aumentar as taxas de juros mais tarde e de forma mais gradual, enquanto o Brasil adotou uma política de aperto monetário mais agressiva devido à persistência da inflação. Suas decisões de política monetária foram influenciadas pelos desafios econômicos únicos enfrentados por cada país durante esse período.

3.5 TAXA DE DESEMPREGO

À medida que a pandemia se espalhou, medidas de contenção foram implementadas em várias partes dos países. Isso teve um impacto imediato nas economias, com muitas empresas fechando temporariamente ou reduzindo suas operações, o que levou ao aumento da taxa de desemprego.

GRÁFICO 6 — Desemprego Brasil e México

Brasil e México - Desemprego Trimestral



FONTE: IBGE (2023c); INEGI (2023a)

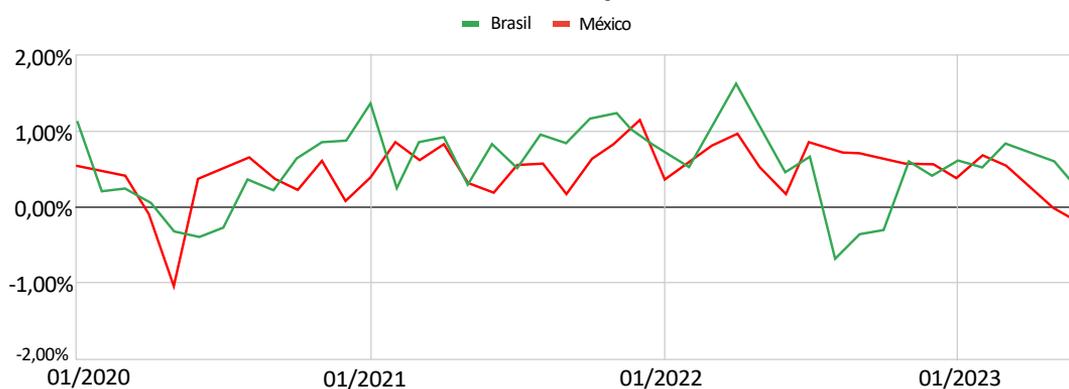
O pico da taxa de desemprego no Brasil ocorreu no terceiro trimestre de 2020, atingindo cerca de 14,7%, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023c), evidenciado no gráfico 6 acima. Esse foi um aumento significativo em comparação com as taxas de desemprego anteriores. O governo brasileiro implementou medidas de apoio econômico, como o auxílio emergencial para mitigar a perda de renda das famílias e manter em rotação a economia.

Embora a economia brasileira tenha mostrado sinais de recuperação, muitos desafios ainda persistiram, incluindo a disseminação de novas variantes, que mesmo em estágio mais controlado puderam gerar reflexos negativos, incertezas econômicas e desafios conjunturais de longo prazo.

3.6 INFLAÇÃO

Durante a pandemia de COVID-19, tanto o Brasil quanto o México enfrentaram desafios econômicos. No Brasil, a inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), inicialmente desacelerou devido à queda na demanda e ao choque de oferta, evidenciado no gráfico 7 a seguir. No entanto, os preços de alimentos e bens essenciais aumentaram, resultando em pressões inflacionárias e levando o Banco Central a implementar políticas monetárias para controlar a inflação, com ênfase no aumento da taxa de juros.

GRÁFICO 7 — Taxa de Inflação Brasil e México
Taxa de Inflação



FONTES: IBGE (2023b); Banxico (2023b)

No México, a inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), também desacelerou no início da pandemia devido à diminuição da demanda e às medidas de restrição. No entanto, pressões inflacionárias persistiram, especialmente nos preços de alimentos e energia, levando o Banco do México a ajustar suas políticas para lidar com a situação.

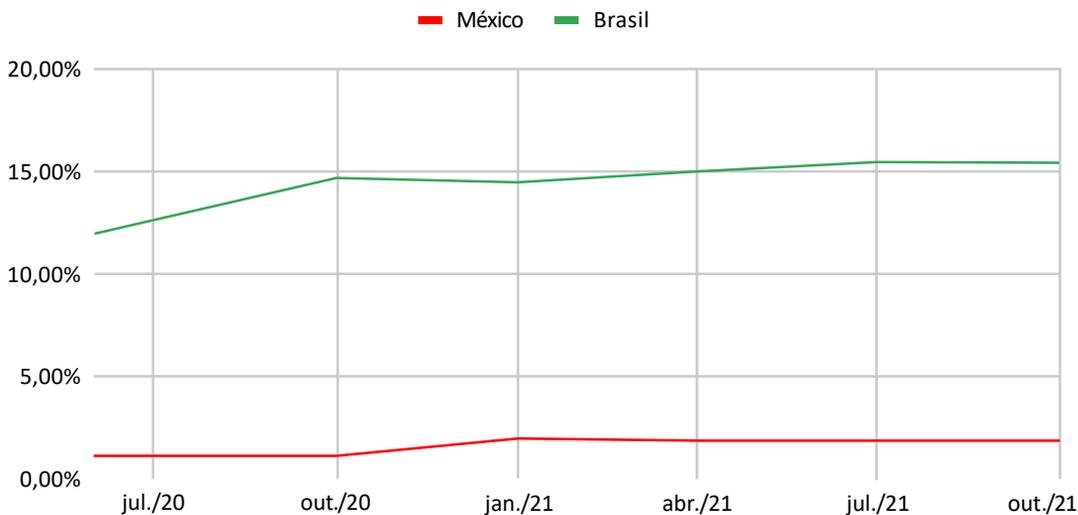
3.7 GASTOS FISCAIS

O Brasil implementou uma série de medidas fiscais em resposta à pandemia de COVID-19, incluindo a aprovação do “Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda” para apoiar trabalhadores e empregadores afetados pela crise. Além disso, o governo brasileiro lançou um programa de auxílio emergencial para

ajudar as famílias em situação de vulnerabilidade durante a pandemia, consistindo em pagamentos mensais a milhões de brasileiros. O Brasil também aumentou os gastos com o sistema de saúde, adquirindo equipamentos médicos, expandindo a capacidade de atendimento e financiando programas de vacinação.

GRÁFICO 8 — Gastos Fiscais Brasil e México

Gastos Fiscais no Combate da COVID-19 (em percentual do PIB)



FONTE: IMF (2023)

O México também adotou medidas fiscais para enfrentar a pandemia, mas seu pacote de estímulo foi relativamente menor em comparação com muitos outros países. O governo mexicano lançou programas de crédito e empréstimos para pequenas empresas, bem como medidas para apoiar o setor de saúde e a compra de equipamentos médicos. No entanto, o México não implementou um programa de auxílio emergencial de grande escala, como o do Brasil, em termos de programas de assistência direta, ficando evidentemente com a diferença dos gastos em percentual do PIB no gráfico 8 logo acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este tópico apresenta as considerações finais deste trabalho, sendo suas principais contribuições para a gestão governamental econômica com foco nos impactos e consequências decorridos de um período de enfrentamento a pandemias.

As economias foram escolhidas para o estudo, por possuírem diversas semelhanças econômicas, principalmente em questão de tamanho do PIB, tendo receitas finais bem parecidas e contas correntes do país em níveis semelhantes. Em análise mais aprofundada, é notável uma correlação no quesito exportações de *commodities*. Mesmo com tantas semelhanças econômicas, observamos resultados totalmente diferentes. Quando visto pela ótica de uma situação de emergência causada por um fator exógeno, a população dos países foi afetada de forma direta economicamente e socialmente.

Em março de 2020, tivemos os primeiros casos de morte em ambos os países, em reação observou-se uma política sanitária para o COVID-19 restritiva, focando no isolamento de pessoas saudáveis, restringindo comércios, escolas, mercados e outros locais públicos de serem frequentados. Assim como pessoas contaminadas em isolamento total, em hospitais e em suas residências com acompanhamento.

Pudemos evidenciar no decorrer do estudo efetuado, a gravidade dos impactos econômicos desta crise exógena nas economias selecionadas. A total diferenciação do panorama, prejudicando as atividades econômicas dos países, assim como as trocas entre nações, geram um reflexo direto na população, com ênfase nas populações mais fragilizadas e pobres.

Nessas situações exógenas, pudemos perceber que uma intervenção do Estado e seus agentes é de extrema importância, dando estímulos para a economia não entrar em colapso e termos uma recessão severa de longo prazo. Estimulando a demanda e oferta dos bens com políticas fiscais e monetárias, para manter a economia rodando e suavizando os reflexos do cenário.

A atividade econômica começou a ter uma retração. Com este panorama, os Bancos Centrais tomaram a decisão de baixar a taxa básica de juros para suavizar o processo, chegando a 2% ao ano, destravando as frentes de crédito.

Aliados a isto, percebemos um braço muito forte, principalmente falando em Brasil, para parte de auxílios sociais, tais como, o Renda Brasil, BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social) entrando para dar crédito a pequenas e médias empresas. E assim que liberado pela Anvisa e OMS iniciou-se a compra de vacinas, o que seria o pontapé inicial para a retomada das atividades e funcionamentos regulares.

Isso afetou diretamente o PIB brasileiro no primeiro ano, tendo um recuo de -3,9%, não ocorrendo um cenário pior devido a intervenção do Estado com os recursos mostrados acima.

No México tivemos um posicionamento menos rígido em relação a pandemia, no sentido econômico. O governo mexicano preferiu manter as promessas feitas em relação a estabilidade das contas públicas e os compromissos fiscais. Tendo isso em vista, colocaram menos liquidez no mercado e o auxílio social foi basicamente zero. Como consequência ficou evidente uma queda drástica do PIB de aproximadamente -19%. Assim como o Brasil, o México também baixou sua taxa básica de juros para 4,75% ao ano com intuito de fomentar o crédito para as empresas e diminuir os impactos na economia devido aos isolamentos.

Todas essas políticas expansionistas adotadas para minimizar um impacto econômico muito severo na economia, geraram consequências no médio e longo prazo, principalmente nos índices de inflação crescentes. Tendo uma abertura dos mercados em uma velocidade acima do esperado, ou seja, uma demanda por bens de capital e serviços muito fortes, porém, não ocorrendo uma oferta suficiente para suprir essa demanda prolongada por muito tempo, pela fase de isolamento e fechamento da economia. Isso gerou uma inflação muito forte, causado pela demanda interna não ser suprida pela oferta interna, principalmente para bens dependentes de matérias primas vinda de outros países. Com isso evidenciamos o início de um ciclo de alta de juros em ambos os países para conter a inflação, iniciando uma política monetária contracionista.

Em suma, fica claro que ambos os países sofreram com o período, tendo as populações em situações mais fragilizadas como os maiores afetados. Logo, sendo necessário o apoio e reação dos governos para, não só responder ao lado sanitário, como também trazer políticas e medidas para amenizar os efeitos negativos gerados.

Pudemos constatar através dos indicadores econômicos pesquisados dos países Brasil e México, o grave aumento do desemprego, a reação do governo em diminuir a taxa de juros para incentivar as trocas e manter a economia ativa, posteriormente aumentar as taxas de juros em reação ao rápido avanço inflacionário impulsionado pelo excesso de demanda e diminuição da oferta de bens e serviços.

O que por consequência, dificultou o acesso a crédito especialmente dos pequenos empreendedores, que mais sofreram com as restrições sanitárias, sendo em muitos casos obrigados a encerrar suas operações, por não terem como manter de forma viável, ampliando ainda mais o problema, visto que os pequenos empreendedores são responsáveis diretos e indiretos pela geração de empregos nos países.

Tudo isto resultou em um grande desafio para os governos da época e os seguintes, em conseguir alcançar um ponto de estabilidade econômica e retomada do seu desenvolvimento. Sendo ainda mais acirrado pela previsão de recessão econômica mundial nos anos seguintes à pandemia.

Logo, concluímos este estudo verificando os objetivos elencados para o trabalho, dos impactos econômicos ocorridos nos países neste período, não podendo afirmar necessariamente que foram maiores ou mais fortes no Brasil ou no México.

Ambos viveram realidades semelhantes, todavia o *approach* dado por cada governo foi particular e diferenciado. E mesmo com as decisões assertivas para a correção das problemáticas conjunturais à pandemia, ainda fica claro que mesmo com o fim oficial desta crise, os governos futuros terão ainda um longo processo e desafio para superar.

Este trabalho poderá ser usado principalmente como uma ferramenta analítica da situação econômica encontrada nos países do Brasil e México, em todo o período que engloba a pandemia de COVID-19. Com o intuito de servir como uma base de dados para governos, não só destas economias, como possivelmente outras do mundo, tangenciando os desafios encontrados nesse período, medidas sanitárias emergenciais para contenção da dispersão do vírus, as medidas econômicas tomadas frente a quase completa paralisação temporária dos mercados produtores e por consequência os impactos apresentados nas economias de acordo com as medidas tomadas.

Evidenciamos ainda a limitação da análise proposta dentro deste artigo, e deixamos a recomendação para trabalhos futuros podendo buscar maior aprofundamento e exploração de análises correlacionadas, não apenas ao lado econômico, mas também social, visto os países em âmbito geral como emergentes e possuindo severa desigualdade social em suas populações. Além do mais, a expansão da análise aqui presente para outros países e economias possibilitará verificar e consolidar ainda mais as adversidades que os governos enfrentaram no combate a um fator exógeno de rápida dispersão e requerendo mudanças conjunturais para o enfrentamento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL e México precisam avançar na integração econômica. **Agência de Notícias da Indústria**, 2020. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/especiais/brasil-e-mexico-precisam-avancar-na-integracao-economica/#:~:text=Brasil%20e%20M%C3%A9xico%20%C3%A3o%20as>. Acesso em: 17 maio 2023.
- BAI, J. Estimating multiple breaks one at a time. **Econometric Theory**, v. 13, n. 3, p. 315-352, 1997.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL — BACEN. **Taxas de juros básicas – histórico**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BANCO DO MÉXICO — BANXICO. **Balança Comercial do México**. 2023a. Disponível em: <https://www.banxico.org.mx/SieInternet/consultarDirectorioInternetAction.do?accion=consultarCuadro&idCuadro=CE37§or=1&locale=es>. Acesso em: 13 out. 2023.
- BANCO DO MÉXICO — BANXICO. **Portal de inflación**. 2023b. Disponível em: <https://www.banxico.org.mx/tpcamb/main.do?page=inf&idioma=sp>. Acesso em: 13 out. 2023.
- BRASIL avança no ranking geral, mas permanece no terço inferior. **Portal da Indústria**, 08 dez. 2022. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/competitividade-brasil-comparacao-com-paises-selecionados/>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- CARVALHO, L. M.; SOUZA JR., J. R. C. Nota da conjuntura 17: desempenho do PIB. **Carta de Conjuntura**, n. 50, jan./mar. 2021. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210303_cc_50_nota_17_atividade_pib.pdf. 19 ago. 2024.
- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO — UNCTAD. **World Investment Report 2020**. 2020. Disponível em: <https://unctad.org/es/publication/informe-sobre-las-inversiones-en-el-mundo-2020>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- COVID-19 Government Response Tracker. **University of Oxford**. Disponível em: <https://www.bsg.ox.ac.uk/research/covid-19-government-response-tracker>. Acesso em: 16 set. 2024.
- DOURADO, L. S.; BASTOS, P. P. Z. O impacto econômico das políticas de isolamento social frente à pandemia da covid-19: acompanhamento e resenha da produção acadêmica. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 29., 2021. **Anais [...]**, 2021. Disponível em: <https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2021P17977A35734O331.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.
- FRYZLEWICZ, P. Wild binary segmentation for multiple change-point detection. **The Annals of Statistics**, v. 42, n. 6, p. 2243-2281, 2014.
- HALE, T. et al. A global panel database of pandemic policies (Oxford COVID-19 Government Response Tracker). **Nature Human Behaviour**, v. 5, p. 529-538, 2021. <https://doi.org/10.1038/s41562-021-01079-8>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. Explicando o PIB brasileiro e seus resultados em 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em: 10 set. 2023a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Indicadores IBGE**: sistema nacional de índices de preços ao consumidor: INPC-IPCA. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7236>. Acesso em: 10 set. 2023b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. PNAD Contínua: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 27 jul. 2023c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **SCNT - Sistema de Contas Nacionais Trimestrais**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=resultados#evolucao-taxa>. Acesso em: 10 ago. 2023d.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA — INEGI. **Banco de Información Económica (BIE)**. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/app/indicadores/?tm=0&ind=472048#bodydataExplorer#D472048>. Acesso em: 28 abr. 2023a.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA — INEGI. **Estimación Oportuna del PIB Trimestral**. Base 2013. Disponível em: https://www.inegi.org.mx/programas/pibo/2013/#Datos_abiertos. Acesso em: 13 abr. 2023b.

INTERNATIONAL MONETARY FUND — IMF. **Fiscal monitor database of country fiscal measures in response to the covid-19 pandemic**. 2021. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Topics/imf-and-covid19/Fiscal-Policies-Database-in-Response-to-COVID-19>. Acesso em: 26 set. 2023.

INTERNATIONAL MONETARY FUND — IMF. **General government debt: percent of GDP**. 2022. Disponível em: https://www.imf.org/external/datamapper/GG_DEBT_GDP@GDD/BRA. Acesso em: 26 set. 2023.

INTERNATIONAL MONETARY FUND — IMF. **Relatório anual do FMI 2022**. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/ar/2022/downloads/imf-annual-report-2022-portuguese.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2023.

MACHADO, C. V.; PEREIRA, A. M. M.; FREITAS, C. M. (Eds.). Políticas e sistemas de saúde em tempos de pandemia: nove países, muitas lições. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. p. 235-264. (Série Informação para ação na Covid-19). <https://doi.org/10.7476/9786557081594>

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS — MDIC. **Balança Comercial do Brasil**. 2023. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html. Acesso em: 13 out. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE — OMS. **WHO COVID-19 Dashboard**. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 18 out. 2023.

OIT: RECUPERAÇÃO incerta e desigual é esperada após crise sem precedentes no mercado de trabalho. **International Labour Organization**, 24 jan. 2021. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/oit-recuperacao-incerta-e-desigual-e-esperada-apos-crise-sem-precedentes-no>. Acesso em: 17 maio 2023.

PALMA, A. L. G.; PUGLIESI, L. L. C. Impactos sociais e econômicos gerados pelas pandemias. 2020. 12 f. Trabalho de Conclusão De Curso (Tecnologia em Gestão Comercial) — Faculdade de Tecnologia de Assis, Assis, 2020. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/4699>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SILBER, S. D. A fragilidade econômica e financeira na pandemia do Sars-Covid-19. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 107-116, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/178760>. Acesso em: 18 out. 2023.

WORLD BANK. **Global Economic Prospects, January 2022**. Washington, DC: World Bank, 2022. Acesso em: 10 mar. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION — WHO. **Operational planning guidance to support country preparedness and response**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/draft-operational-planning-guidance-for-un-country-teams>. Acesso em: 24 mar. 2023.